

Gaúchos não esperam melhoria a curto prazo

As empresas gaúchas, principalmente do setor industrial, estão diminuindo o nível de atividades, e as perspectivas dos empresários, de uma maneira geral, é de descrença de que a situação possa melhorar a curto prazo. Dentro deste quadro, técnicos e empresários começam a buscar respostas para superar o que alguns chamam de desaquecimento da economia e outros denominam de recessão. Em alguns casos, a situação é considerada "desesperadora", como acontece com a empresa Classiá, de Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro, diretor da Associação das Indústrias de Ponta do Pólo Petroquímico gaúcho. A Classiá fabrica eletrodutos para a construção civil e brinquedos e, no último ano, Mendes viu as atividades de sua empresa serem reduzidas a apenas 30%, podendo chegar a zero, segundo ele. O diretor da Ainpergs afirma que ainda não cerrou as portas, "simplesmente porque não tem condições financeiras para isto, pois para demitir empregados é preciso recursos".

Dos 120 empregados, a Classiá está reduzida a apenas 30. De uma maneira geral, Mendes Ribeiro diz que o volume de negócios no seu setor diminuiu tanto, que poderá chegar a um nível em que não haverá nem ponto de referência "para saber-se se os negócios subiram ou caíram". Também o empresário Cláudio Strassburger, do ramo calçadista, diz que a situação está em tal estado de depressão, que "não estamos conseguindo repassar nossos custos". Tanto seu setor quanto o de Mendes Ribeiro e, ainda, o de jóias, como é o caso de Luís Antônio Pereira da Silva, da Joalheria e Ótica Masson, e também presidente da Confederação Nacional do Comércio Lojista, são considerados supérfluos. Segundo os próprios empresários, atualmente o interesse estaria voltado mais para o setor de primeira necessidade, fundamentalmente habitação e alimentação.

Strassburger lembra que, agregada à pressão social futura, "o que se percebe é que a restrição do crédito e o custo do dinheiro não estão diminuindo significativamente a inflação. Ao contrário, são medidas inflacionárias". Tanto o setor calçadista quanto o de industrialização de soja, como é o caso da Olivebra, de Porto Alegre, não estão sofrendo diminuição das atividades como outros ramos industriais, porque ambos operam com o mercado externo, sendo que a indústria de calçados foi beneficiada recentemente com o crédito-prêmio para exportações. A Olivebra, particularmente, segundo o diretor Martinho Dario, deverá aumentar o ritmo de atividades este ano, com a perspectiva de boas safras, o que não aconteceu em 78/79 com quebras sucessivas.

É preciso apostar na racionalização em tempos de crise diz Pereira da Silva. É o que sua empresa vem fazendo, após perceber que havia diminuído 10% o volume geral de vendas. Com a sintetização de modelos, no caso de jóias, Pereira da Silva diz que há liberação de capital de giro, não

havendo assim tanta procura de recursos nos bancos. No comércio, de maneira geral, houve uma diminuição de 10 a 15%, nas vendas, segundo o presidente da Confederação do Comércio Lojista. Mas isto não é um dado recessivo, garante ele, porque colocou o consumo a níveis reais sobre 79, por exemplo, cujo saldo positivo de negócios era de 20%.

Já o presidente do grupo Zivi-Hercules, Wolfgang Sopher, diz que o desempenho de suas empresas é diferenciado. A Zivi, fabricante de tesouras, tem 50% de sua produção destinada ao mercado externo. Já a Hercules, fábrica de talheres, reduzirá sua produção no próximo mês em 30%. Quanto aos empregados, a direção do grupo está estudando duas possibilidades: ou diminui a jornada de trabalho de três para um turno, ou demite cerca de 150 empregados, dos 1.500 existentes hoje. Para Sopher, a economia como um todo sofre um processo recessivo em função da falta de crédito, altas taxas de juros e queda na produção.

MÁQUINAS AGRÍCOLAS

O setor mais atingido com as medidas anti-inflacionárias, postas em prática pelo governo, é o de máquinas e implementos agrícolas que teve uma diminuição média nas atividades ao redor de 35%. Geová Muller, presidente do sindicato do setor, diz que no ramo de tratores, em que houve uma diminuição de 40%, na produção, "nunca se tinha visto numa crise tão séria". As fábricas de implementos agrícolas não receberam nenhum pedido, até agora, mesmo no auge (época de colheita) das safras gaúchas. A ociosidade do setor é de 50%, e, dos 20 mil empregos diretos que a indústria proporcionava em 76, hoje existem apenas 11 mil.

No ramo metalúrgico, a situação não é tão grave, mas existem mecanismos para, pelo menos, manter o ritmo de produção, segundo um dos diretores do grupo Gerdau, Frederico Gerdau. Na metalúrgica gaúcha, houve diminuição de 20%, no setor de produção agropastoril (arames galvanizados, farpados e ovalados). Para responder à situação atual, o grupo está lançando debêntures no mercado, "a forma mais barata de obter crédito", e tomando dólares no Exterior, para financiar capital de giro e futuras expansões. O restante das atividades na metalurgia não diminuíram, pois houve transferência da linha de produção para outras atividades.

Já o presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, Fábio Araújo Santos, não acredita em recessão. Diz que 80 foi um ano atípico, porque viveu-se um período de euforia, com incentivo máximo ao consumo. Hoje, a situação não é a mesma, segundo ele, mais adequada à realidade. Fábio Santos, proprietário da J. H. Santos, 54 lojas, diz que é hora de "sacrificarmos os lucros e agilizarmos os estoques". De maneira geral, houve um decréscimo de 12%, no movimento do comércio gaúcho, no período entre novembro do ano passado e março de 81.